



JORNALISMO

O encontro com a memória e o vislumbre de identidades: a entrevista no jornalismo

The encounter with memory and the glimpse of identities: the interview in journalism

El encuentro con la memoria y la vislumbre de identidades: la entrevista en el periodismo

Agnes Francine de

Carvalho Mariano¹

orcid.org/0000-0003-2537-364X

agnesmariano@gmail.com

Recebido em: 6 nov.2021.

Aprovado em: 18 fev. 2022.

Publicado em: 2 maio 2022.

Resumo: O artigo analisa aportes teórico-disciplinares de pesquisas do campo da comunicação interessadas no tema da entrevista jornalística. Foram observados 23 artigos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, entre 2005 e 2019, em busca dos autores e conceitos mais recorrentemente acionados nos debates sobre a entrevista. Assim como identificado em momento anterior da pesquisa, que analisou artigos da Intercom, foram localizados os seguintes eixos de abordagem: discurso, interação/tipologias, memória/identidade. Aqui, escolhemos observar mais de perto os debates e autores relacionados aos estudos da memória, com destaque para Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (2002), José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), Verena Alberti (2005) e Beatriz Sarlo (2007), todos referenciados em mais de uma pesquisa. O artigo avança na reflexão sobre as possíveis interfaces entre os estudos interessados na memória e as questões identitárias, âmbitos considerados independentes por alguns e indissociáveis, por outros. Também discute qual o lugar dos debates sobre memória e identidade no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Entrevista. Memória. Identidade.

Abstract: The article analyzes theoretical and disciplinary contributions from research in the field of communication interested in the topic of journalistic interviews. Twenty-three articles presented at the Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, between 2005 and 2019, were observed, in search of the authors and concepts most recurrently triggered in the debates about the interview. As identified earlier in the research, which analyzed articles from Intercom, the following axes of approach were found: discourse, interaction/typologies, memory/identity. Here, we chose to take a closer look at debates and authors related to memory studies, with emphasis on Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (2002), José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), Verena Alberti (2005) and Beatriz Sarlo (2007), all referenced in more than one survey. The article advances in the reflection on the possible interfaces between studies interested in memory and identity issues, areas considered independent by some and inseparable by others. It also discusses the place of debates on memory and identity in the contemporary world.

Keywords: Interview. Memory. Identity.

Resumen: El artículo analiza aportes teóricos y disciplinarios de investigaciones en el campo de la comunicación interesadas en el tema de las entrevistas periodísticas. Se observaron veintitrés artículos presentados en el Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, entre 2005 y 2019, en busca de los autores y conceptos más recurrentes desencadenados en los debates sobre la entrevista. Como se identificó en un momento previo de la investigación, que analizó artículos de Intercom, se encontraron los siguientes ejes de abordaje: discurso, interacción / tipologías, memoria / identidad. Aquí, optamos por profundizar en los debates y autores relacionados con los estudios de la memoria, con énfasis en Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (2002), José



Carlos Sebe Bom Meihy (2002), Verena Alberti (2005) y Beatriz Sarlo (2007), todos referenciados en más de una investigación científica. El artículo avanza en la reflexión sobre las posibles interfaces entre estudios interesados en temas de memoria e identidad, áreas consideradas independientes por unos e inseparables por otros. También analiza el lugar de los debates sobre la memoria y la identidad en el mundo contemporáneo.

Palabras-clave: Entrevista. Memoria. Identidad.

Introdução

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investigou aportes teórico-disciplinares de estudos na área de comunicação abordando o tema da entrevista jornalística. Resultados preliminares foram divulgados em texto anterior, no qual foram analisados 23 artigos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, ao longo de 10 anos (MARIANO, 2018). Neste segundo momento, foram observados artigos publicados nos anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, entre 2005 e 2019. A investigação identificou 23 artigos que discutiam, em alguma medida, o tema da entrevista no jornalismo.

O esforço feito no primeiro momento da pesquisa foi o de identificação de conceitos-chave relacionados ao debate sobre a entrevista e autores recorrentemente citados. Três eixos principais foram encontrados, em ordem cronológica: discurso, interação e memória. Isto é, os artigos mais antigos abordaram frequentemente a entrevista jornalística em uma perspectiva discursiva ou interativa, enquanto os mais recentes aproximaram-se, muitas vezes, dos estudos sobre memória. Um outro eixo que apareceu, mas de forma muito discreta, foi o da narrativa. Em seguida, foram analisadas as potencialidades e silenciamentos nos debates propostos pelos dois autores mais recorrentemente citados nos artigos: Cremilda Medina e Edgar Morin.

Buscaremos aqui descrever os resultados da nossa observação dos artigos apresentados no congresso nacional da SBPJor que tematizaram a entrevista no jornalismo. Quais os conceitos/debates acionados? A que autores recorreram? Nos deteremos um tempo maior em um eixo/abordagem que apareceu de forma expressiva.

Um detalhe importante é que, em alguns artigos, a recorrência a um eixo de abordagem não exclui a referência a outros. Em linhas gerais, as abordagens coincidem com o que foi identificado nos artigos da Intercom: discurso, interação e memória. Mas, observadas mais de perto, poderíamos acrescentar que, nos artigos que discutem a interação, algumas vezes aparece o tema da tipologia das entrevistas, isto é, uma classificação das entrevistas em função das diferentes formas de interação entre entrevistadores e entrevistados. Assim como, em artigos que se aproximam dos debates sobre a memória, por vezes são discutidas também questões que tangenciam a identidade: subjetividade, alteridade e biografias.

A localização dos artigos foi feita pela consulta aos anais digitais e à seção "Sala de pesquisa", ambos disponíveis no *site* oficial da SBPJor, buscando ocorrências da palavra entrevista no título, resumo ou palavras-chave. Os nove primeiros congressos, que ocorreram entre 2003 e 2011, não contam com anais digitais disponíveis até o momento. Os artigos referentes a esses anos foram localizados na seção "Sala de pesquisa" que, entretanto, nem sempre está funcionando. Já os oito eventos mais recentes, de 2012 a 2019, contam com anais digitais. Ainda assim, observamos que a busca apresentava erros, ignorando artigos em que a palavra entrevista aparecia até no título, que só foram localizados mediante consulta artigo a artigo. Por todas essas dificuldades de acesso, é possível que tenhamos deixado de lado alguma ocorrência.

O tema entrevista tem sido abordado com certa regularidade, ainda que o número de ocorrências seja modesto, considerando-se o fato de tratar-se de uma dimensão central no trabalho jornalístico. Localizamos seis artigos entre 2005 e 2009; oito artigos entre 2010 e 2014 e nove artigos entre 2015 e 2019. Em 15 congressos, 23 artigos, dando uma média de 1,5 por ano. Portanto, identificamos um crescimento discreto de ocorrências, ainda que intermitente. Ao longo desse período, o tema aparece em alguns artigos, desaparece por um ano e volta a aparecer. Listamos aqui a sequência dos anos e respectiva quantidade de artigos que

discutem o ato de entrevistar:³ 2005 (2), 2006 (2), 2007 (0), 2008 (1), 2009 (1), 2010 (0), 2011 (3), 2012 (2), 2013 (3), 2014 (0), 2015 (2), 2016 (2), 2017 (1), 2018 (3), 2019 (1).

Os três eixos de abordagem aqui listados – discurso, interação/tipologias, memória/identidade – aparecem tantos nos artigos mais antigos quanto nos mais recentes. A abordagem discursiva, entretanto, assim como identificamos nos artigos da Intercom, parece ter perdido parte da força que já teve no campo da comunicação. Apenas cinco dos 21 artigos acionam conceitos como gêneros discursivos e textuais para debater a entrevista, recorrendo a autores como Mikhail Bakhtin (MACIEL, 2005), Leonor Arfuch (VIEIRA, 2013), Newcomb, Michael Halliday, Désirée Motta-Roth, Kay O'Halloran e José Luiz Meurer (PINHEIRO, 2012), Nornam Fairclough (PINHEIRO, 2012), (COSTA, 2015) e a José Marques de Melo, Manuel Chaparro, Luiz Marcuschi, Tzvetan Todorov e Lia Seixas (CIRNE; BUENO; BELÉM, 2016).

Em seu livro *Entrevista, o diálogo possível*, publicado originalmente em 1986, a pesquisadora Cremilda Medina aborda a entrevista no jornalismo como uma prática interativa com potencialidade para estabelecer um diálogo transformador entre entrevistadores e entrevistados. Nesse percurso, recorre muitas vezes à filosofia do diálogo de Martin Buber, um austríaco naturalizado israelita que atuou como jornalista, professor, escreveu sobre filosofia, teologia e defendia o convívio pacífico entre árabes e judeus. A autora debate ainda tipologias da entrevista jornalística, descrevendo alheias, como a de Morin, e propondo a sua, com diferenças marcadas pelo tipo de interação estabelecida, indo das mais superficiais às mais profundas. O livro de Medina, como discutido em artigo anterior, tornou-se a principal referência, no Brasil, para a abordagem da entrevista jornalística, tanto no ensino quanto na pesquisa em comunicação.

O trabalho de Medina a respeito da entrevista ainda ecoa no campo da comunicação, de forma direta ou indireta. Isto é, o seu livro prossegue sendo uma referência – nove artigos o citaram

–, mas, indo além, acreditamos que o debate difundido por ele sobre tipos de entrevista jornalística também repercute em pesquisas que não o citam. Encontramos discussões mais teóricas sobre diálogo e interação humanizada em cinco artigos, citando Medina (MACIEL, 2005), (LELO; MAIA, 2011), (MONTIPÓ, 2018) ou citando Medina e Buber (MAIA, 2005), (MAIA; LELO, 2011). Sendo que três deles são assinados pela mesma autora, a pesquisadora Marta Maia. Mas se observamos as pesquisas que fazem referência a tipos de entrevista, a quantidade se expande. Seja citando Medina, Edgar Morin, Nilson Lage ou outros autores, a tipologia desperta interesse. Para citar apenas as que se detiveram, mesmo que brevemente, em um tipo específico de entrevista, encontramos a neoconfissão proposta por Morin (MAIA, 2005), (MAROCCO, 2008), a entrevista temática ou dialogal de Lage (PINHEIRO, 2012), a entrevista humanizada de Medina (BRESSAN, 2019), mas também o *talk show* (CIRNE; BUENO; BELÉM, 2016), a coletiva de imprensa (ANJOS, 2018) e o pingue-pongue (BUENO, 2018). Longe de parecer uma questão datada, a discussão sobre tipologias parece não perder a atualidade. A coletiva e o pingue-pongue são temas centrais em artigos bem recentes, ambos de 2018. Em sua pesquisa, Thaisa Bueno inclusive propõe uma tipologia que classificaria os diferentes tipos de entrevista pingue-pongue, preenchendo uma lacuna na área.

Como dito anteriormente, o objetivo aqui será observar mais de um perto um dos aportes teórico-disciplinares a que têm recorrido os autores da comunicação quando debatem a entrevista jornalística: o dos estudos sobre a memória, com aproximações, em alguns momentos, aos estudos sobre identidade. São dois os motivos dessa atenção especial. Primeiro, a recorrência da abordagem. Sete artigos abordam temas como memória, memória coletiva, história oral, esquecimento. Alguns desses trabalhos associam essas discussões a temas como identidade, alteridade, subalternidade, gênero. Mais dois artigos abordam histórias de vida e a dimensão biográfica. Estamos aqui assu-

³ Não foi incluído na análise o meu próprio artigo.

mindando a premissa – defendida por alguns autores (CANDAUI, 2012) e refutada por outros (MARIANO, 2020) – de que memória e identidade são temas complementares, indissociáveis, mesmo que isso não seja nomeado, como explicaremos a seguir. O segundo motivo é o incremento da atenção a conceitos como memória, tempo, temporalidades, história e do espaço para os debates identitários no campo da comunicação (especialmente gênero). Um incremento perceptível na criação de congressos, GTs, áreas de concentração e linhas de pesquisa de pós-graduações relacionadas ao tema⁴, dossiês de periódicos científicos, além de TCCs, dissertações e teses.

Debates centrais

Observando nos artigos da SBPJor quais os autores dos estudos sobre a memória foram referenciados e com que frequência, identificamos os seguintes nomes: Maurice Halbwachs, Paul Thompson, José Carlos Sebe Bom Meihy, Verena Alberti e Beatriz Sarlo. Todos citados em mais de uma pesquisa. Com menor frequência, aparecem ainda Michael Pollak, Alessandro Portelli, Andreas Huyssen, Ecléa Bosi e Pierre Nora. Esses 10 autores também foram citados nos artigos da Intercom analisados anteriormente, sendo que, entre os que apareceram em destaque, as coincidências foram Maurice Halbwachs, Paul Thompson e Beatriz Sarlo. Os demais autores citados em mais de uma pesquisa nos artigos da Intercom foram: Ecléa Bosi, Pierre Nora, Michael Pollak e Alessandro Portelli. Sintetizamos a seguir alguns dos debates propostos por esses autores que repercutiram nos artigos apresentados na SBPJor.

Na área de comunicação, no Brasil, quando tratamos do tema da memória, um autor muito referenciado é Maurice Halbwachs, com a sua noção de memória coletiva. Em resumo, ele propõe que toda memória é coletiva, pois afetada pelos nossos pertencimentos grupais. Ou, de modo mais refinado, “a memória individual está atre-

lada à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (MORAIS, 2017, p. 6). Para ele, a importância dos “meios sociais”, que constroem “quadros sociais” ou “quadros coletivos” para as nossas memórias é fundamental. Comentários e descrições alheias integram nossas experiências e perspectivas, tenhamos consciência ou não, pois leituras, conversas e imagens habitam o nosso imaginário. Todo um repertório de conteúdos e experiências nos acompanha onde quer que estejamos. Halbwachs defende ainda que a manutenção do pertencimento tem papel relevante na manutenção da memória: “Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras” (1990, p. 34). Se me distancio – no convívio e nas convicções, do grupo com o qual vivi certas experiências – isso levaria ao esgarçamento da memória coletiva, pois deixaria de haver o reforço grupal. Sentimentos e ideias deixaram de ser compartilhados.

Acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspiradas por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantariamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. ‘Já tínhamos pensado nisso’: nós não percebemos que não somos senão um eco. [...] Quantos homens têm bastante espírito crítico para discernir, naquilo que pensam, a parte dos outros, e confessar a si mesmos que, no mais das vezes, nada acrescentam de seu? (HALBWACHS, 1990, p. 47).

O britânico Paul Thompson e o brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy foram citados em cinco

⁴ Alguns exemplos: desde 2003, a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - Alcar promove encontros regionais e nacionais, o Encontro Nacional de História da Mídia, nos quais todas as discussões tangenciam os temas da memória e história. Em seu evento anual, a Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, possui os GTs “Memória nas mídias” e “Comunicação, gêneros e sexualidades”. O mestrado em Comunicação da UFRB tem como uma das linhas de pesquisa “Comunicação e memória”. No mestrado em Comunicação da UFOP a área de concentração é “Comunicação e Temporalidades”.

dos artigos analisados. Os dois autores são grandes referências, no Brasil, nos debates relacionados à História Oral, campo de estudo centrado na memória. Um mesmo aspecto, fundamental para os oralistas e citado por ambos, foi discutido em três artigos de diferentes pesquisadoras da comunicação: a relevância da escuta de outras versões, das narrativas de pessoas anônimas, das fontes usualmente marginalizadas e desprivilegiadas, tornando mais democrática e imparcial a reconstrução do passado, geralmente baseada em documentos escritos. Como diz Meihy: "Não é apenas quando os documentos inexistem ou são raros que a história oral acontece. Ela é vital também para produzir outras versões das histórias feitas com base em documentos cartoriais, consagrados e oficiais." (2005, p. 29). Inclusive o mesmo trecho do livro de Thompson é citado em dois artigos (MAIA, 2005; COUTINHO; MUSSE, 2013, p. 7):

Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro (THOMPSON, 1992, p. 26).

Como pertencem ao campo da comunicação, naturalmente chama a atenção de alguns dos pesquisadores as discussões da história oral que se aproximam de debates do jornalismo, como aqueles relacionados à realização de entrevistas, relações entre entrevistadores e entrevistados e devolução à sociedade do conhecimento produzido. Maciel afirma que interessa à história oral "trazer para o conhecimento público versões diferentes da historiografia oficial, para a qual, aliás, o Jornalismo contribui significativamente" (2006, p. 12). E, ainda, "trazer para o conhecimento e o debate públicos a realidade da vida social" (2006, p. 10). Em seus textos e falas, Meihy defende a importância da história pública, de tornar acessível o conhecimento produzido academicamente, o que equivale a planejar a etapa de compartilhamento da memória,

por meio de arquivos públicos e/ou publicações.

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas" (MEIHY, 2002, p. 13-14).

Nesse sentido, enfatiza Meihy, a mera realização de entrevistas que lidam com memórias de histórias de vida não configuraria um trabalho de história oral, pois: "Entrevista sem projeto não é história oral" (2005, p. 14). Ainda sobre entrevistas, Thompson faz uma afirmação evidente, mas, ainda assim, indispensável: [...] não há razão alguma para fazer uma entrevista, a menos que o informante seja, de algum modo, mais bem informado que o entrevistador" (THOMPSON, 2002, p. 255). Chloé Leurquin cita ainda quais seriam as características necessárias para um entrevistador bem-sucedido, segundo Thompson: "[...] interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar" (THOMPSON, 2002, p. 254). Novamente uma constatação tão óbvia quanto necessária, tanto para jornalistas, acadêmicos ou qualquer um que se disponha a escutar a memória alheia. Nesse mesmo capítulo do seu livro, Paul Thompson aborda diversos outros desafios vividos no trabalho com memória oral por meio de entrevistas e enumera recomendações. Destaco apenas mais um, por tocar de perto também o campo da comunicação: "[...] deve-se evitar perguntas diretas. Se você apresentar suas próprias opiniões, especialmente logo no início da entrevista, será mais provável que obtenha respostas que o informante considera que você gostaria de ouvir, e que, por isso, serão menos confiáveis" (THOMPSON, 2002, p. 261).

O tema da confiabilidade da memória oral aparece em um artigo (COUTINHO; MUSSE, 2013) que recorre à historiadora Verena Alberti. Dada a relevância do tema para o campo da comunicação,

seria de se esperar que o assunto aparecesse com maior frequência, mas não foi o que identificamos. Relevante, pois o jornalismo é dependente das entrevistas, o que significa dizer, da memória dos entrevistados, ainda que seja a memória recente. E é com base nessa memória que pretende construir relatos "imparciais" e "verdadeiros".

[...] trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais o passado "tal como efetivamente ocorreu", e sim as formas como foi e é apreendido e interpretado. A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma versão do passado [...] Assim, não é mais fator negativo o depoente poder "distorcer" a realidade, ter "falhas" de memória ou "errar" em seu relato: o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes" (ALBERTI, 2004, p. 19).

A perspectiva defendida por pesquisadores interessados na memória oral é frequentemente a mesma defendida por Alberti. A memória nos possibilita acesso a versões do passado. Para Thompson, a "percepções sociais dos fatos". O debate permanece ainda incipiente no campo da comunicação: por mais que já tenhamos problematizado noções como objetividade e jornalismo como espelho da realidade, não foi possível abandonar completamente a ambição do relato jornalístico como verdade dos fatos:

Em suma, as estatísticas sociais não representam fatos absolutos mais do que notícias de jornais, cartas privadas, ou biografias publicadas. Do mesmo modo que o material de entrevistas gravadas, todos eles representam, quer a partir de posições pessoais ou de agregados, a *percepção social* dos fatos; além disso, estão todos sujeitos a pressões sociais do contexto em que são obtidos. Com essas formas de evidência, o que chega até nós é o *significado social*, e este é que deve ser avaliado (THOMPSON, 2002, p. 145, grifo do autor).

Significado social para determinado grupo, acrescentaríamos nós.

As citações sobre memória nas pesquisas da Comunicação que elencamos até aqui vêm dos

livros *Memória coletiva* (HALBWACHS), *A voz do passado* (THOMPSON), *Manual de história oral* (MEIHY) e seu homônimo *Manual de história oral* (ALBERTI). No caso de Beatriz Sarlo, a referência principal é a publicação *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Encontramos aqui, novamente, debates de grande relevância para quem, ao realizar entrevistas, trabalha com a escuta da memória: o poder curativo do ato de comunicar a memória; a ampliação contemporânea do interesse pela subjetividade, inclusive midiático; o giro ou guinada subjetiva como forma de dar sentido à própria vida.

Proliferam as narrações chamadas "não ficcionais" (tanto no jornalismo como na etnografia social e na literatura): testemunhos, histórias de vida, entrevistas, autobiografias, lembranças e memórias, relatos identitários. A dimensão intensamente subjetiva (um verdadeiro renascimento do sujeito, que nos anos 1960 e 1970 se imaginou estar morto) caracteriza o presente. Isso acontece tanto no discurso cinematográfico e plástico como no literário e no midiático. Todos os gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência. Um movimento de devolução da palavra, de conquista da palavra e de direito à palavra se expande, reduplicado por uma ideologia da "cura" identitária por meio da memória social ou pessoal (SARLO, 2007, p. 38-39).

Desafios

Explicando a "morte" e a "ressurreição" do sujeito, Sarlo situa como marco o "estruturalismo triunfante" dos anos 1970, repercutindo em diversos campos: antropologia, linguística, teoria literária, ciências sociais. Entretanto, duas décadas depois, diz ela, "produziu-se no campo dos estudos da memória e da memória coletiva um movimento de restauração da primazia desses sujeitos expulsos durante os anos anteriores" (2007, p. 30).⁵ Sarlo propõe debates instigantes especialmente pelas perguntas, dúvidas e incoerências que elenca. Ela vislumbra nesse campo de estudos um "otimismo identitário" em sintonia com a ideia de identidades múltiplas e indica a incoerência de se defender, simultaneamente, o abandono da ideia de verdade – cara à perspectiva desconstrucionista, a "indizibilidade

⁵ Joël Candau fala em uma: "[...] 'onda memorial' que atinge o 'mundo inteiro' nos últimos vinte anos" (2012, p. 10).

de uma Verdade” – e a “verdade identitária dos discursos de experiência” (2007, p. 40).

Se os estudos da memória nos ajudaram a restaurar o interesse pelos sujeitos, subjetividades e identidades, por outro lado, segundo Sarlo, nos deixaram o desafio de como lidar com a verdade do discurso identitário, da rememoração. Como diz Sarlo, todo testemunho “quer ser acreditado [...] exige não ser submetido às regras que se aplicam a outros discursos de intenção referencial, alegando a verdade da experiência” (2007, p. 37-38). Em sua reflexão, que cita como exemplos testemunhos sobre casos-limite – Holocausto e terrorismo de Estado na Argentina, Chile e Uruguai –, ela também lembra que, por vezes, tratamos com a mesma gravidade testemunhos sobre condições banais, acrescentando que o testemunho “nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se pode comprovar a sua veracidade” (2007, p. 37). Encerrando a sua reflexão, ela sentencia: “Não há equivalência entre o direito de lembrar e a afirmação de uma verdade da lembrança; tampouco o dever de memória obriga a aceitar essa equivalência” (2007, p. 44).

As conexões entre memória e identidade não são notadas e discutidas por todos. Basta observar debates relacionados aos dois temas – memória e identidade –, que tanto repercutem no campo da comunicação. Se já descrevemos aqui, ainda que de forma sumária, a inequívoca presença do tema da memória em pesquisas da área da comunicação, nos falta ainda falar dos estudos identitários. Eles, sem dúvida, têm crescido na comunicação, como resultado do enorme incremento de interesse por esses estudos em outros campos e na sociedade em geral. O exemplo mais evidente é o dos estudos sobre questões de gênero, o que inclui feminismo, grupos LGBTQIA+ e masculinidade. Segundo Lago, Kazan e Thamani, que pesquisaram o assunto, observando periódicos científicos e anais de congressos (sobre jornalismo), a presença de

pesquisas que discutissem gêneros era modesta até por volta de 2016. De 2017 para cá, elas identificam uma explosão de pesquisas apresentadas em congressos e publicadas em periódicos qualificados da área, inclusive em dossiês.⁶ As autoras acreditam que o crescimento tem sido liderado por pesquisadores mais jovens:

[...] a maioria dos trabalhos parece ser de alunos/as e não de pesquisadores/as com carreira consolidada, salvo algumas importantes exceções que há anos dedicam-se ao cruzamento gênero e mídia. Mas esta onda provoca movimentos nos espaços de pesquisa, estimulando orientadores/as a incorporar essas perspectivas e obrigando a imersões para manter o diálogo com seus/as orientandos/as (LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018, p. 3).

Mas o que memória tem a ver com identidade? Para o antropólogo Joël Candau, são indissociáveis. Segundo ele, memória e identidade se fundem, alimentam uma à outra, no percurso de produção de uma “trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (2012, p. 16). A memória alimentaria e fundaria a identidade, defendem vários pesquisadores. Na opinião de Candau, a perspectiva não se sustenta, pois a negociação entre memória e identidade seria permanente. As nossas memórias, portanto, seriam guiadas por nossas estratégias identitárias, que realizam escolhas dentro de um repertório – “representações, ‘mito-histórias’, crenças, ritos, saberes, heranças etc.” (2012, p. 18) – em um processo que envolve continuamente lembrar e esquecer. Assim, não haveria precedência de uma em relação à outra: “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade” (2012, p. 19).

Considerações finais

Se levarmos em conta os argumentos citados até aqui, parece evidente que, no campo da comunicação, as pesquisas interessadas em temas memoriais se beneficiariam de um olhar atento

⁶ A percepção das autoras, que nos parece correta, pode ser facilmente confirmada também pela observação dos repositórios com trabalhos de conclusão de graduação, mestrado e doutorado. Congressos da área que não se limitam ao debate sobre jornalismo, como Intercom e Compós também criaram GTs específicos sobre gênero nos últimos anos: Estéticas, políticas do corpo e gêneros (Intercom, criado em dezembro de 2017) e Comunicação, gêneros e sexualidades (Compós, criado em junho de 2018). Se, em 2017, o tema do congresso nacional da Intercom foi “Comunicação, memórias e historicidades”, em 2018, o tema escolhido foi: “Desigualdades, gêneros e comunicação”.

às identidades, assim como as pesquisas sobre identidades (de gênero, culturais, étnico-raciais etc.) ganhariam um incremento aproximando-se dos estudos sobre a memória. Ainda mais se houver um interesse específico no tema da entrevista jornalística, âmbito carregado de recursos memoriais e estratégias identitárias. Ao mesmo tempo, parece ser importante estar atento às contaminações memoriais e identitárias que podem também afetar o próprio pesquisador e/ou entrevistador, nos levando a ver o que desejamos, em função das pautas que nos são caras, funcionando como filtros através dos quais vemos o mundo.

Fazendo esse movimento, podemos ainda nos perguntar qual o lugar dos debates sobre memória e identidade no mundo contemporâneo. Candau nos desafia a pensar sobre o tema, olhando além das nossas bolhas. "Fala-se tanto em memória porque ela já não existe mais", observa Pierre Nora" (CANDAU, 2012, p. 183). E, com um pragmatismo corajoso, afirma na conclusão do seu livro "Memória e identidade":

Quando se pensa que uma cifra enorme de habitantes do planeta vive em condições extremas de pobreza, é pertinente afirmar que "a questão das identidades está no coração do debate político" e que o patrimônio se encontra no "coração desse problema"? É provável que as principais preocupações desses indivíduos não sejam nem identitárias nem patrimoniais ou memoriais, mesmo se os Estados, os partidos ou as correntes religiosas e intelectuais se esforcem por fazer crer o contrário (2012, p. 199-200).

Longe de defender que se trata, por isso, de um debate frívolo, Candau chama a nossa atenção para as mudanças no campo dos recursos da memória e da construção de identidades. No presente, como sabemos, defende ele, doutrinas, contos, relatos, mitos e eficazes "meios de memória", como "escola, igreja, Estado, família", não desempenham mais o papel e influência do passado. Ao nos afastar dos mitos fundadores, ideologias, grandes narrativas, memórias oficiais, rompemos os elos fortes que costumavam unir as pessoas ao passado, tradições, costumes e grupos. Por isso, "memórias fortes, potentes, hierarquizadas, unificadoras, onipotentes, até mesmo totais, aniquilam-se atualmente

diante de memórias talvez mais fracas ou menos amplas" (2012, p. 204). Como memória e identidade são indissociáveis, esta também passa por transformações: "Iguamente sustentei que esse aniquilamento interditava, ao mesmo tempo, a construção de identidades poderosas e estáveis, estas, por sua vez, cedendo lugar às identidades plurais, fragmentadas e móveis" (2012, p. 204). Se é inevitável reconhecer que algo mudou e se esfacelou em relação ao passado, o mesmo não pode ser dito sobre as vantagens e desvantagens desse novo contexto com memórias e identidades fragmentadas, múltiplas, mutantes. Pois, se há perda, também há ganho; esvaziamento, mas também libertação.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANJOS, Manoel Moabis Pereira dos. Jornalistas e fontes nas entrevistas coletivas da operação Lava Jato: movimentos regulares. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: FIAM-FAAM/Anhembi Morumbi, 2018.
- BRESSAN, Olívia Scarpari. O método clariciano de entrevista: enigmas e revelações de uma Clarice-reporter. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17., 2019, Goiânia. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 2019.
- BUENO, Thaísa. Entrevista Pingue-Pongue: uma proposta de classificação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: FIAM-FAAM/Anhembi Morumbi, 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CIRNE, Livia; BUENO, Thaísa; BELÉM, Vitor. Mariana Godoy Entrevista: uma análise sobre as mudanças no gênero e a inserção no ambiente de convergência como estratégias de aproximação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14., 2016, Palhoça. **Anais** [...]. Palhoça: Unisul, 2016.
- COSTA, Vânia Maria Torres. O telejornal como lugar de interação entre entrevistadores e entrevistados. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13., 2015, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: UFMS, 2015.
- COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. A redescoberta do diálogo no telejornalismo: os usos da entrevista como possibilidade de inclusão e aprofundamento das narrativas nas emissoras públicas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UNB, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LAGO, Cláudia; KAZAN, Evelyn; THAMANI, Manuela. Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais** [...]. Joinville: Univille, 2018.

LELO, Thales Vilela; MAIA, Marta Regina. A arte de se (re)descobrir no presente: irrupção dialógica em entrevistas jornalísticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MACIEL, Suely. A entrevista no Jornalismo impresso e sua configuração como gênero discursivo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3., 2005, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2005.

MACIEL, Suely. O estatuto da História Oral e as fronteiras com o Jornalismo: possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4., 2006, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

MAIA, Marta Regina. A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3., 2005, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2005.

MAIA, Marta Regina; LELO, Thales Vilela. A positividade do conflito em entrevistas jornalísticas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2018.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. "A memória é a matéria essencial das entrevistas": Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 14, n. 3, p. 213-226, set./dez. 2020.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Revisitando a bibliografia sobre a entrevista jornalística: debates e silenciamentos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2017.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista jornalística, confissão e as neoconfissões na mídia brasileira. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Bernardo do Campo. **Anais** [...]. São Bernardo do Campo: UESP, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELO, Cristina T. V. de. Ética, Estética e Política no Vídeo Vida Estelita. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MONTIPÓ, Criselli. A entrevista de pesquisa com entrevistadores: possibilidades dialógicas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: FIAM-FAAM/Anhembi Morumbi, 2018.

MORAIS, Ana Maria de. Entrevistas com jornalistas mulheres como forma de análise das desigualdades de gênero. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2017.

PINHEIRO, Najara Ferrari. Bate-papo: formato do gênero entrevista no processo de popularização da ciência na TV. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VIEIRA, Karine Moura. Teoria da prática: o discurso de si e a construção de uma noção de autor na produção de biografias por jornalistas brasileiros. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UNB, 2013.

Agnes Francine de Carvalho Mariano

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Mariana, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Agnes Francine de Carvalho Mariano
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA
R. do Catete, 166
35420-000
Mariana, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.